

Os missionários da educação e o Instituto Ponte Nova da Bahia

Ester Fraga Villas-Bôas Carvalho do Nascimento*

Durante cem anos – 1871 a 1971 – os missionários da Missão Central do Brasil, vinculados à Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (PCUSA), partindo da Bahia, organizaram igrejas, escolas e hospitais em sua área de jurisdição – Sergipe, Mato Grosso, Goiás e norte de Minas Gerais. Verificando a realidade do *hinterland* brasileiro, William Alfred Waddell propôs um novo tipo de instituição educacional, distinta do modelo do Mackenzie College, de São Paulo: uma escola secundária rural, que ofereceria os cursos normal, preparatório de pastores, auxiliar de enfermagem e técnico agrícola. O IPN, como ficou conhecido o Instituto Ponte Nova, foi fundado pela Missão em 1906, a qual organizou e subsidiou até 1971, além da escola, uma igreja e uma escola de auxiliar de enfermagem, a primeira escola do gênero na Bahia, ao lado do *Grace Memorial Hospital*. O sucesso daquele complexo institucional, integrando religião, educação e saúde, levou a Missão a organizar um projeto denominado “Escolas Ponte Nova”. Em 1926, a Missão já tinha aberto no território de sua jurisdição, sete escolas naquele modelo proposto e quatro hospitais.

Em fevereiro de 2002, fiz uma viagem a Wagner, cidade baiana da Chapada Diamantina, para verificar uma instituição que só conhecia pelos *Livros de Atas* da Missão Central do Brasil – o Instituto Ponte Nova. Chegando lá, me deparei com os prédios da escola, da igreja e do hospital, construídos pela Missão, numa cidade decadente. Os edifícios do Instituto estavam razoavelmente conservados, mas o que restara de sua documentação estava acondicionado em sacos plásticos de lixo numa despensa do Auditório, com aberturas na parte superior de uma parede, por onde entrava o sol e a chuva.

Das escolas que missionários presbiterianos norte-americanos organizaram na Bahia, destacou-se o Instituto Ponte Nova. Além do IPN, como

¹ Docente da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Membro da UID Observatório de Políticas de Educação e de Contextos

ficou conhecida a instituição, a Missão organizou e subsidiou até 1971 uma igreja e uma escola de auxiliar de enfermagem, a primeira escola do gênero na Bahia, ao lado do *Grace Memorial Hospital*. O sucesso daquele complexo institucional integrando religião, educação e saúde, levou a Missão a organizar um projeto denominado “Escolas Ponte Nova” no território sob sua jurisdição.

Numa perspectiva historiográfica, farei neste estudo uma primeira abordagem a respeito da ação daquela instituição educacional, levando em consideração que as provas e “todo ponto de vista sobre a realidade, além de ser intrinsecamente seletivo e parcial, depende das relações de força que condicionam, por meio da possibilidade de acesso à documentação, a imagem total que uma sociedade deixa de si” (Ginzburg, 1989: 43). Cabe ao pesquisador a tarefa de reconstruir as trocas e transformações culturais ocorridas em determinada época e espaço, tendo clareza que aquelas instituições são “objetos privilegiados de análise dos processos de circulação e apropriação de padrões escolares norte-americanos, como também dos processos de produção desses padrões” (Warde, 2001: 28).

Presbiterianos na Bahia

Apesar da Bahia ter recebido imigrantes provenientes da Igreja Reformada desde o início do século XIX¹, somente com a chegada de missionários presbiterianos norte-americanos, a partir de 1871, foram organizadas igrejas e escolas abertas à população não evangélica. Naquele mesmo ano, chegou a Salvador Francis Joseph Schneider² que, juntamente com James Theodore Houston³ e Alexander Latimer Blackford⁴, formou o primeiro núcleo de missionários presbiterianos vinculados à Missão Brasil, cabendo a Schneider a organização da primeira igreja presbiteriana na capital baiana, em 18 de abril de 1872. Posteriormente, a Missão enviou Edgar McDill Pinkerton⁵, Woodward Edmund Finley⁶ e John Benjamin Kolb⁷, os quais seriam responsáveis pela organização de vários pontos de pregação e escolas paroquiais – escolas primárias ao lado das igrejas - na Província. Com a morte de Pinkerton, em Salvador, e a transferência de Finley para Sergipe, em junho de 1892, a Missão enviou George Whitehill Chamberlain⁸, fundador da Escola Americana de São Paulo, para trabalhar em Salvador e em Cachoeira⁹.

Pela grande extensão territorial do país, em 1896, a Missão Brasil dividiu-se em Missão Sul, compreendendo os Estados do Rio de Janeiro, Paraná

e Santa Catarina, e em Missão Central do Brasil, abrangendo Bahia, Sergipe, norte de Minas Gerais e, posteriormente, Mato Grosso e Goiás (Matos, 2003)¹⁰.

O Instituto Ponte Nova – IPN

No final de 1896, o missionário presbiteriano norte-americano William Alfred Waddell¹¹ empreendeu uma viagem missionária à Bahia. Durante aquela visita, Waddell, viúvo, conheceu a filha de George Chamberlain (Laura Chamberlain), missionária e professora no período de 1894 a 1896, na *City School* de Salvador, instituição fundada por John B. Kolb. Casou-se com ela, em 1897, em Feira de Santana, e seguiu para São Paulo (Matos, 2003). Retornando à Bahia, em 1898, fixou residência em Salvador, tendo sido o responsável pela construção do templo na capital. Naquele mesmo ano, foi designado superintendente das escolas da Missão Central do Brasil (*Minutes of the Meetings of the Central Brazil Mission*, 1897-1912; 19/01/1898).

Em 1900, o casal Waddell seguiu para São Félix, abrindo um internato feminino que, provavelmente era a principal escola da Missão Central naquele momento¹². A proposta para a escola era que além do primário, seriam oferecidos o secundário e industrial. Em 1901, tinha sido decidido que seria adicionado ao programa daquela instituição um curso de Pedagogia para formar professores brasileiros, ficando este sob a responsabilidade de Margaret Bell Axtell (*Minutes of the Meetings of the Central Brazil Mission*, 1897-1912; Reuniões de 17/01/1901 e dez/1901).

Sancha Galvão, uma das alunas internas, descreveu detalhadamente o colégio quando ele ainda funcionava num sobrado:

Em cada sala funcionava uma classe com uma professora e uma censora. Havia um grande silêncio; ouvia-se somente a voz da professora e das crianças, quando argüidas. A censora ficava andando entre as carteiras, vendo o que precisavam os alunos, de ponta de lápis a auxílio maior. (...). As paredes eram cobertas de quadros negros, muitos mapas, quadros instrutivos etc. Na minha sala, que era enorme, funcionavam duas classes, com carteiras duplas, confortáveis. (...). Lembro-me até de um livro de leitura, *Coração*, de Raimundo de Amicis (Galvão, 1993: 45).

A Escola de São Félix foi designada a Escola Central da Missão; entretanto, por motivos que a documentação analisada não revelou, Waddell

decidiu transferir o projeto para outro local. Em 1904, propôs um novo tipo de instituição educacional, distinta do tipo “Escola Americana de São Paulo”, mais compatível à realidade do *hinterland* brasileiro, uma escola rural formadora de professores e de pastores. Na verdade, ele inspirou-se num modelo semelhante, idealizado e concretizado por outro missionário presbiteriano norte-americano na década de 1880, na cidade paulista de Jaú. John Beatty Howell¹³

adquiriu uma propriedade a poucos quilômetros dessa vila, na localidade denominada Ortigal ou Capim Fino, onde criou, em 1887, um instituto bíblico ou colégio agrícola. Devido à escassez de pastores, esse novo tipo de escola visava preparar jovens para trabalharem como catequistas ou pregadores em suas igrejas locais e incluía treinamento profissional em agricultura. Começou com doze rapazes, que pagavam seus estudos com trabalho agrícola (Matos, 2003).

Inicialmente, Waddell tentou se estabelecer em Feira de Santana – uma comunidade promissora, considerada como o centro de irradiação da “civilização do gado”. Entretanto, as lideranças locais recusaram seu projeto, por considerarem o protestantismo uma ‘obra do diabo’. Ele, então, avançou mais para o sertão baiano, seguindo para Itaberaba, onde também foi rejeitado. Seguiu para Lençóis, conhecida na época como a cidade dos diamantes, cuja fama repercutia em Londres, Paris, Amsterdão e nos Estados Unidos. Como a recusa se repetiu, ele seguiu para a cidade de Morro do Chapéu. No percurso, observou uma fazenda abandonada, no vale do rio Utinga. A Fazenda Ponte Nova estava localizada entre a cidade de Lençóis e Wagner¹⁴.

Em 1906, esta fazenda, de propriedade de Luiz Guimarães e Souza, tenente-coronel da Guarda Nacional¹⁵, foi comprada pela Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, provavelmente, por vinte contos de réis. A escritura de compra e venda foi lavrada no Tabelionato da Comarca de Itaberaba. A fazenda possuía 1.670 hectares, com área cultivável de 219 hectares. (*Documento sobre Imposto de Renda de Imóveis Rurais*, 31/03/1936, nº 810, Arquivo do IPN).

Para implantar seu projeto educacional no Brasil, a Missão contou com o apoio financeiro de vários empresários e profissionais liberais norte-americanos, donos de grandes fortunas. Um senador da Califórnia, Leland Stanford, fundador e mantenedor da universidade que levava seu nome, tinha

por amigo o engenheiro e missionário Waddell. Em memória de sua falecida mulher, destinou a importância de vinte e cinco mil dólares à Missão Brasil, parte da qual foi destinada à compra da Fazenda Ponte Nova, onde deveriam ser construídos uma igreja, uma escola e um hospital. (*Documento 'Projeto Wagner'*, Câmara de Comércio Americana-BA/Governo do Brasil, Arquivo do IPN; Veríssimo, 1985: 7).

Em 29 de janeiro de 1906, Waddell fundou e dirigiu a Escola Americana de Ponte Nova, oferecendo, inicialmente, o ensino primário e, em seguida, o curso normal¹⁶. Como este último ainda não era reconhecido pelo governo estadual, só possibilitava aos seus diplomados o exercício do ensino primário particular. Oferecia também um curso bíblico, secundário, com a finalidade de formar pastores e missionários para os seus campos evangélicos. (*Boletim de Informação do Serviço de Estatística da Educação e Saúde da Bahia*, 1939, Arquivo do IPN). Segundo Sancha Galvão, aluna da primeira turma do IPN e, posteriormente, também professora, a escola

começou com poucos alunos, por falta de acomodação. No primeiro ano foram somente seis moças e seis rapazes. Aos poucos, foi aumentando o número de alunos e foram melhorando as acomodações. Rapazes e moças, (...), iam para a escola Ponte Nova e muitos chegaram a se formar. Diversos rapazes foram para o Seminário (Galvão, 1993: 50).

O IPN ministrava ensino religioso, presbiteriano, de caráter obrigatório, sendo um estabelecimento de natureza privada e confessional. Destinado a educar os filhos das famílias que seriam evangelizadas, era mantido pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América do Norte, não recebendo nenhuma subvenção do governo brasileiro. Os missionários norte-americanos recebiam seus salários das igrejas presbiterianas norte-americanas (*Boletim de Informação do Serviço de Estatística da Educação e Saúde da Bahia*, 1939, Arquivo do IPN). O objetivo de Waddell era fazer funcionar uma escola normal rural, destinada a dar aos jovens um preparo que os habilitasse a ensinar em núcleos urbanos mais afastados, no interior da Bahia, “desencadeando assim uma verdadeira onda de cultura e cristianismo naquelas terras sertanejas” (*Homenagem do Instituto José Manuel da Conceição*, Arquivo do IPN). Como também, “educar o indivíduo para que ele vivesse em seu ambiente, fixando-o em seu meio, evitando, assim, a evasão rural para os centros urbanos”. Oferecia não somente o ensino primário,

mas também o conhecimento de técnicas que lhes possibilitassem um melhor aproveitamento dos recursos da localidade, a fim de tornar mais amena e saudável a vida e uma maior integração ao ambiente (Ginásio do IPN, *Relatório de Verificação*, 1957, Arquivo do IPN).

Funcionava em regime de internato para moças e rapazes, e, semelhante às suas escolas presbiterianas norte-americanas, adotava a co-educação e o sistema cooperativo, onde o aluno obtinha sua educação através de uma pequena contribuição financeira anual (50 mil réis) e serviços prestados ao estabelecimento. Os rapazes cuidavam da limpeza dos arredores, da horta, do pomar, do internato, e recebiam noções de carpintaria. As moças cuidavam da culinária, cada uma lavava e passava sua roupa, sendo proibidas de pagarem a lavagem. Cada aluno tinha deveres com a igreja: participava do coral e dos cultos aos domingos, independente de sua religião. (*Boletim de Informação do Serviço de Estatística da Educação e Saúde da Bahia*, 1939, Arquivo do IPN). O depoimento dado por Sancha Galvão descreve a regulamentação do tempo, os costumes estabelecidos pela instituição e a importância dada ao ensino lá ministrado:

O sistema lá era de estudo e trabalho. Os alunos faziam todo o trabalho do colégio, inclusive roça e criação. Coisa digna de admiração era a ordem. (...). Todos estavam presentes nas horas marcadas para aulas, trabalhos, divertimentos, refeições, cultos e até passeios. (...). Não havia aula às segundas-feiras, pois era dia de lavagem de roupa. (...). E, assim, todo o trabalho era dividido em turmas. (...). Aos sábados à noite, num grande salão, reuniam-se moças e rapazes para uma brincadeira. Cantavam, recitavam. Havia diversos brinquedos que se chamavam brinquedos de salão. (...). Os alunos tomavam as refeições no internato, todos reunidos, moças e rapazes. (...). Os diretores e professores presidiam cada mesa. (...). Havia também, o culto doméstico todas as noites, após o jantar. O ensino lá era muito eficiente. (...). Não penso que fossem mais preparadas [as professoras de Ponte Nova], mas o que salientava nelas era o cumprimento do dever, o sistema americano de pontualidade e fazer tudo, quando não perfeito, ao menos o melhor possível (Galvão, 1993: 49-53).

Raymundo Passos dos Santos chegou ao colégio em março de 1946, aos doze anos de idade, mas, devido ao impaludismo, ficou somente dois anos, e quando retornou, em 1952, refere:

Eles permitiram que eu adiantasse dois anos, fazendo o exame de suficiência, entrando no Curso Normal. O curso normal rural era de cinco

anos – preparava professores. Que me lembre, as disciplinas dadas eram português, francês, pouco inglês, pedagogia, psicologia social. Comecei o científico em Salvador, completando no Mackenzie.

Em 1966, ele retornou a Wagner, e, posteriormente, foi eleito vereador e prefeito da cidade, sempre lecionando no IPN. Segundo Santos, o IPN dava uma educação integral:

Tinha formação religiosa, acadêmica e agrícola. Essa região tinha como atividade econômica a produção de açúcar durante muito tempo. Com a criação do Instituto do Alcool, os engenhos foram sendo fechados. Com os americanos, começa uma nova mentalidade com a produção de hortaliças. Na minha época de estudante do IPN, tinha dois grêmios escolares: Fênix e Hércules. Havia reuniões de caráter social, recreativa e educacional para todos os alunos. Brincávamos de macaco na roda, gira-gira, três solteiras a passear, fui à Bahia comprar um chapéu. Aproveitávamos essas brincadeiras para pegarmos mais forte na mão da menina que estivessemos interessados. Às vezes, namorávamos as meninas um tempão sem elas saberem. Poucos foram os casamentos que saíram do colégio. (Entrevista concedida por Raymundo Passos dos Santos. Wagner, 07/02/02).

Para Neemias Alexandre da Silva, ex-aluno na década de 1950, ex-diretor do IPN e pastor, “a Missão exerceu influência determinante na educação, nos costumes da alimentação, na higiene, no aspecto sanitário daquela sociedade. Tanto o hospital como a escola, atendiam mais de trinta municípios” (Entrevista concedida por Neemias Alexandre da Silva. Wagner, 05/02/2002).

Como não existia ponte sobre o rio Utinga, que passava na fazenda, inicialmente a Escola Ponte Nova funcionou nas dependências da igreja presbiteriana, primeira construção da Missão. Para acomodar seus primeiros alunos, vindos do Piauí e de Sergipe, além da Bahia, e seus professores, de Cachoeira e de Salvador, foram construídos dois conjuntos de quartos ao lado da igreja, que funcionaram como internatos masculinos e femininos, respectivamente. Posteriormente, a Missão construiu uma ponte, podendo iniciar a construção definitiva dos seus prédios escolares.

Aquele grupo religioso sabia que era preciso dar visibilidade ao seu projeto educacional, demonstrando, assim, a importância da educação para ele. Fazia-se necessário construir edifícios escolares para que, na monumentalidade de seus prédios, a escola fizesse ver sua ação pedagógica. A distribuição do espaço escolar explicitava o objetivo de projeção e divulgação que a Missão pretendia imprimir àquela educação.

Até 1938, a Missão investira na construção de um complexo educacional – seis edifícios e uma praça de esportes. O Relatório de Verificação das instalações do Instituto Ponte Nova, realizado pela Comissão de Fiscais da Secretaria de Educação da Bahia, naquele ano, descreve minuciosamente¹⁷. O primeiro prédio, um sobrado construído próxima à entrada da fazenda, logo após a passagem do rio, foi destinado à residência do diretor e dormitório dos rapazes, à secretaria e à biblioteca particular do diretor. O dormitório masculino tinha 13 quartos, sendo que oito mediam 9m² e cinco, 20m² com capacidade para 40 internos. Os quartos eram bem arejados, com luz natural e, pelo menos, com uma janela, protegida por tela de arame. A distância entre os beliches era de 1 metro, com colchões de palha. Cada quarto possuía armários. Na parte posterior do prédio encontravam-se os banheiros.

Os três edifícios seguintes foram construídos numa parte plana da fazenda, dispostos em formato de “U”, com uma área coberta no centro. O segundo edifício era composto de duas salas de aula, onde funcionavam o 2º ano fundamental e o 1º ano normal, com 48 carteiras individuais e um quadro-negro construído ao longo de toda uma parede. As carteiras tinham o espaldar de forma anatômica, com o tampo ligeiramente inclinado, com lugar para lápis e tinteiro. Cada sala também possuía um cesto de lixo e um *burol* (1,15cm X 0,60cm) com cadeira para o professor. Na sala de administração, existiam armários com divisão reservada para cada professor, onde era guardado o material didático.

O terceiro prédio constava de uma sala onde funcionava o 1º ano fundamental, com 28 carteiras, quadro-negro, mapas, para o estudo de Botânica, Zoologia e Geologia. Além daquele material, ainda possuía globo terrestre, globo celeste e cartas murais para as aulas de geografia. Ao lado existia uma área coberta para o recreio dos alunos. Para o ensino de línguas, a escola possuía duas vitrolas, um aparelho cinematográfico, uma coleção de livros e discos em inglês e outra de francês, além de uma coleção de gravuras. O material didático para as aulas de desenho era o seguinte: régua, esquadros, compassos, transferidor, cubo, paralelepípedo, prisma, cilindro, pirâmide, cone, esfera, poliedro, tronco de pirâmide, tronco de cone, modelos de gesso (6), três modelos de bustos em gessos e uma Vênus de Milo, coleção de sólidos geométricos, de modelos arquitetônicos e de modelos anatômicos.

Já o quarto edifício era composto de três salas. A do 2.º ano normal, possuía 18 carteiras e um quadro-negro. Na sala de ciências, estava instalado um pequeno laboratório de física e de química¹⁸. Possuía um quadro-negro com 5m² de dimensão; microscópios; quatro armários para guardar o ma-

terial de demonstração, experimentação e reagentes; um *burot* com cadeira para o professor. A segunda, menor, servia de arquivo escolar. A última, com as mesmas dimensões que a anterior, funcionava o 3.º ano normal.

A escola ainda possuía três salas especiais. Próximo à praça de esportes, ficavam as duas salas destinadas para os trabalhos manuais, contíguas à carpintaria. Dispunham de seis bancadas medindo cada uma 2,00m X 0,50m, um tanque e um rebolelo¹⁹. A sala de canto orfeônico possuía um birô para o professor, um órgão portátil e, além do quadro-negro normal, outro estreito e longo, com o pentagrama musical.

No ponto mais alto da fazenda foi construído um sobrado em estilo vitoriano, destinado à residência das alunas internas e das professoras do estabelecimento. Foi edificado numa área de 4.225 m², toda murada e gradeada na parte da frente. No piso superior foram construídos dois banheiros e 25 dormitórios, cada um com três camas, sendo que um deles era destinado à enfermaria. Existia em cada quarto, uma cômoda com seis gavetas, sendo duas para cada aluna. Todas as janelas eram protegidas com telas. O internato ainda tinha uma sala destinada à rouparia, com prateleiras fechadas e divisões para guardar a roupa que vinha da lavanderia.

O térreo possuía três alpendres, protegendo as três amplas portas de entrada. O refeitório era composto de sete mesas com 78 cadeiras de espaldar. Cada mesa possuía uma gaveta onde eram guardados os guardanapos. A cozinha dispunha de três janelas e três portas que davam respectivamente, para a copa, a despensa e a padaria. Entre a cozinha e a sala de jantar existia uma abertura por onde passavam os alimentos a serem servidos. O piso e as paredes eram cimentados, e a área em torno das pias era revestida de ladrilhos. Tinha dois fogões, armários “à prova de moscas”, latas de lixo, uma mesa ladrilhada em continuação às pias, uma máquina para cortar carne e outra para fabricar macarrão, panelas, louças, talheres. Ao lado funcionava a despensa, a copa e a padaria. A copa possuía uma geladeira a querosene e armários, onde eram guardados as toalhas das mesas, louças e talheres. Dispunha ainda de três pias e uma lata de lixo com tampa. A água filtrada era retirada de quatro talhas dispostas na varanda da copa. A despensa tinha armários e prateleiras para os gêneros enlatados e engarrafados. A padaria possuía dois fogões a lenha, uma pia, uma balança e uma mesa. Em frente à cozinha estava a lavanderia, com nove pias.

Na parte anterior do edifício funcionava o gabinete da diretora do internato, duas salas de música, uma sala com estante de livros para as alunas; um corredor; uma cozinha para refeições ligeiras, para as professoras; três

dormitórios para as professoras, e quatro sanitários com chuveiros; uma sala de visitas; uma sala de costura; um salão nobre destinado para as festas cívicas e outras solenidades. Ainda tinha um depósito de cereais, um banheiro com cinco vasos sanitários, sete chuveiros e duas pias com 12 torneiras. Este banheiro se comunicava com todas as dependências do pavimento. Entre as dependências existia um jardim e um pátio para recreio e jogos esportivos para as alunas.

Segundo Elias Limas Lessa, ex-aluno do IPN, além do pátio interno, no internato feminino, a escola possuía uma praça de esportes, com campos de futebol, beisebol, voleibol e basquetebol, provavelmente construídos ainda na década de 1920. Os dois primeiros campos eram revestidos de grama. Existiam dois vestiários, masculino e feminino, e as seguintes instalações: caixa para saltos em altura e distância, com as respectivas pistas; aparelho para saltos em altura; quatro barras simples; suportes para cordas. Constava ainda do seguinte material desportivo: rede de voleibol e bolas; tabelas de basquetebol e bolas; balizas de futebol e bolas; rede, raquetes de tênis e bolas; bastões para revezamento; um dardo; luvas, bolas, *bats* e máscara para soft-ball; um peso esférico; cordas para salto; cordas para tração; cordas para subida; cronômetro; trena; bola de rugby. Posteriormente, foi construído um salão aberto, assoalhado com holofotes, destinado à educação física e jogos de basquetebol e voleibol. Os alunos praticavam natação no rio (Entrevista concedida por Elias Lima Lessa. Aracaju, 02/01/02).

A escola ainda possuía uma tipografia, onde eram feitos os diários de classe e o material de consumo da escola. Na década de 1930, os alunos organizaram o jornal *O Resplendor*, feito à mão ou datilografado. Ainda possuíam um serviço de divulgação por autofalante, nos intervalos das aulas. Aos sábados, tinham programas recreativos, organizados pela direção - programas de calouros e *sketches* cômicos - quando a população da cidade era convidada a assistir. Provavelmente, na década de 1940, foi construída uma pequena usina hidrelétrica, aproveitando uma cachoeira do rio, destinada a alimentar rádios, cinema, iluminação e marcenaria. Em 1964, foi construído o auditório “James Wright”, com um palco e capacidade para mais de duzentas pessoas (Entrevista concedida por Neemias Alexandre da Silva. Wagner, 05/02/2002).

Em 1934, o IPN adquiriu a inspeção preliminar para seu reconhecimento, de acordo com o Parecer n.º 2.045, publicado no *Diário Oficial do Estado*, em 23 de janeiro daquele mesmo ano²⁰ (Tavares, 2001: 235). Em 1937, o Decreto nº 10.126, de 17 de fevereiro, equiparou “o 1º ano do Curso

Normal do Colégio Ponte Nova no município de Lençóis, ao seu congênere da escola Normal” (idem: 235). No ano seguinte, o Decreto n.º 10.593 de 11 de fevereiro ampliou “até o 3.º ano a inspeção preliminar concedida ao Colégio de Ponte Nova” (*id.*, *ibid.*: 236). Naquele período, o IPN funcionava com um currículo de seis anos, tendo os seus diplomados os mesmos direitos dos professores formados pela Escola Normal da Bahia.

Em 1939, o Decreto n.º 11.234, de 25 de fevereiro, criou o Instituto Normal da Bahia, o qual era “constituído pela Escola Secundária (cinco anos), pela Escola Normal (dois anos), pelo Curso de Aperfeiçoamento (estudos de continuação, um ano), e pela Escola Normal Superior (de futura instalação), destinada a formar professores do ensino secundário e normal” (Tavares, 2001: 237). Naquele mesmo ano, todos os estabelecimentos educacionais que ofereciam o curso normal foram equiparados ao Instituto Normal da Bahia e, dentre elas, aquela instituição educacional presbiteriana. Provavelmente, naquele período, ela teve seu nome modificado de Colégio Ponte Nova para Instituto Ponte Nova.

A documentação localizada e analisada até o momento, só permitiu a reconstituição de alguns anos do corpo docente do IPN. Em 1933, a instituição possuía oito professores, brasileiros e norte-americanos: Eulália Alcântara Lima (BA), Adalgisa Martins Oliveira (BA), Aurora Valadares Andrade (BA), Anita Harris (Nova Iorque), Mary Hull Halloc (Nova Iorque), Cassius E. Bixler (Pensilvânia) e Ruth Wyant Graham (Iowa). No ano seguinte, ganhou três professoras brasileiras: Alaíde, Carmem Coutinho e Theodolina Lima. Em 1938, o corpo docente tinha sido acrescido pelos seguintes professores: Dalila do Carmo Costa, Noemi Moryscotti Mattos, Natalie Clei Andrade, Noadia Filho e Adalgisa Martins de Oliveira. No ano seguinte, chegaram Mary Nicolau (São Paulo), Reverendo Eudes Ferrer (Campinas), Maria Alves Ferreira (Bahia), Nadir Salles Nascimento (Bahia, Diploma – Escola Normal), Júnia Brandão (Bahia, Diploma – Escola Normal), Otilda Alves (Bahia, Diploma – Escola Normal) e Wilson Viana (Bahia, Diploma – IPN) (*Boletim de Informações do Serviço de Estatística da Educação e Saúde da Bahia*. Anos 1933, 1938, 1939, Arquivo do IPN).

Em 1916, chegou em Ponte Nova o médico recém-formado Walter Wellcome Wood, e, em 1923, o engenheiro agrônomo Samuel Irvine Graham, encarregado do ensino rural, ambos formados na *Leland Stanford University*, Califórnia. Logo que chegou, Dr. Wood organizou um centro médico, único na região, atendendo doentes de vários Estados. Posteriormente, sob sua direção, a Missão construiu o *Grace Memorial Hospital*, inaugurado em

1926. O hospital, funcionando em quatro pavilhões, possuía os seguintes departamentos: Clínica Médica, Cirurgia, Obstetrícia, Pediatria, Ginecologia, Raio-X, Diatermia e Laboratório. Além do Dr. Wood, o hospital teve como diretores Dr. Manoel Regis, Dr. Josué Requião, Dr. Jack Brown, Dr. Gileno, Dr. Benedito Ney dos Santos e Dr. Jonas Alves de Araújo. O gabinete médico-biométrico, instalado no Grace Memorial Hospital, possuía o seguinte aparelhamento: um balança, um *toesa* para estatura, um aparelho para medir a pressão arterial e fichas médico-biométricas. (*Grace Memorial Hospital*, 1936).

No mesmo ano de inauguração do hospital, foi organizada pela missionária norte-americana Lúcia Hepperle a Escola de Auxiliar de Enfermagem Ponte Nova, a primeira do gênero na Bahia. O prédio da escola foi inaugurado em 1932. O curso tinha duração de três anos, com aulas práticas e teóricas. Possuía uma boneca anatômica, que as alunas chamaram “miss Cnase” e o esqueleto “Oscar”. Teve como diretores Ella Wood, Isaura Chagas, Beatriz Lenington, Rita P., Elle S. e Janeth Graham. (*Histórico de Wagner, “Cidade de Deus”, 20/08/01. Documentação para o Registro de Certificação de Auxiliar de Enfermagem de Marluce Braulio de Souza, 26/07/1967, Arquivo do IPN*).

Considerações finais

Durante cem anos – 1871 a 1971 – os missionários vinculados à Missão Central do Brasil, partindo da Bahia, organizaram igrejas, escolas e hospitais em sua área de jurisdição²¹. O Instituto Ponte Nova, instituição de ensino secundário rural, ofereceu durante décadas os cursos normal, preparatório de pastores, auxiliar de enfermagem e técnico agrícola. Após a saída da Missão, o IPN foi nacionalizado e integrado à Rede Pública Estadual da Bahia. Os cursos técnicos agrícola e auxiliar de enfermagem foram oferecidos até 1999, e o normal continua funcionando.

O sucesso do modelo institucional idealizado por Waddell e implementado em Wagner levou a Missão a apresentar à Junta de Nova Iorque, em 1923, um projeto denominado “Escolas Ponte Nova”. A localização das escolas seria definida pelas seguintes variáveis: densidade populacional protestante, condições higiênicas, água potável, fertilidade do solo, facilidade de transporte, acesso aos materiais de construção e condições políticas. Em 1926, existiam escolas rurais em Buriti e Cáceres, Mato Grosso (Chapada dos Guimarães); Jataí e Planaltina, Goiás (Chapada dos Veadeiros). Nesta

última cidade, foi construído um hospital. Em Rio Verde, Goiás, foram organizados pelo Dr. Donald Gordon, uma escola de enfermagem e um hospital. As atas ainda falam de um hospital em Araguaia, Mato Grosso, e de um hospital e escola em Anápolis, Goiás, estes dois últimos construídos pelo Dr. James Fanstone (*Minutes of the Meetings of the Central Brazil Mission*, 1904-1938).

Levando em consideração que é possível “conjeturar o invisível a partir do visível, do rastro” (Ginzburg, 1989: 57), as ações educacionais do IPN, deixadas à margem da historiografia educacional brasileira e talvez ocultadas intencionalmente, revelam disputas e tensões entre grupos que tinham projetos distintos propostos para aquela sociedade. Pode-se inferir que o fato daquela instituição ser presbiteriana num Estado que estivera sob a ação católica durante séculos, provocou reações por aqueles que não viam com bons olhos a presença daquele outro grupo religioso. Necessário se faz investigar a formação de várias gerações de professores, pastores, enfermeiros e técnicos agrícolas, propagadores daquele padrão cultural norteamericano - o presbiteriano.

Correspondência

Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, História, Política,
Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
ester.fraga@uol.com.br

NOTAS

- ¹ Sobre o assunto, verifique Silva, 1999; Vieira, 1980.
- ² Bacharelou-se em Letras no *Jefferson College*, em Canonsburg, Pensilvânia. Em 1861, concluiu seus estudos no Seminário Teológico do Oeste, em Allegheny (cf. Matos, 2003).
- ³ Bacharelou-se em Artes no *Lafayette College*, Pensilvânia, em 1871. Formou-se, em 1874, no *Western Theological Seminary*, no mesmo Estado (cf. Matos, 2003).
- ⁴ Formou-se em 1856, no *Washington College*, na cidade de Washington, Pensilvânia, ingressando no *Western Theological Seminary*, em Allegheny, no mesmo Estado, formando-se em 1859 (cf. Matos, 2003).
- ⁵ Graduou-se na Universidade de Wooster, Ohio. Estudou no Seminário Teológico Lane, em Cincinnati (1888-1891) (cf. Matos, 2003).
- ⁶ Bacharelou-se no *Hanover College*, em Indiana, em 1886, e concluiu seus estudos teológicos no Seminário McCormick, em Chicago, no ano de 1889 (cf. Matos, 2003).
- ⁷ Bacharelou-se em Letras no *Lafayette College*, em Easton, Pensilvânia. Formou-se em Teologia no Seminário de Princeton, em 1884 (cf. Matos, 2003).
- ⁸ Estudou no Colégio Delaware, em Newark, Estado de Delaware, onde se bacharelou em 1857, e no Seminário Teológico Union, em Nova York (1857-1859). Chegou ao Rio de Janeiro, em 21 de julho de 1862. Esteve por cerca de um ano e meio em São Paulo onde deu aulas particulares de inglês, retornando ao Rio, em 23 de maio de 1864. No período de novembro de 1864 a agosto de 1865, voltou a São Paulo, retornando a lecionar inglês. Em agosto de 1866, voltou aos Estados Unidos para estudar Teologia no Seminário de Princeton. Retornou ao Brasil, em 1869, assumindo o pastorado da Igreja de São Paulo. No ano seguinte organizou a Escola Americana de São Paulo (cf. Matos, 2003).

⁹ Em março de 1893, acompanhado do colportor e evangelista José Clementino, seguiu para a Bahia, visitando a Fazenda Flores, perto de Orobó (atual Rui Barbosa), onde recebeu os 22 primeiros membros. Em abril e maio de 1894, passou cinquenta dias em Sergipe, auxiliando o reverendo Finley. Em março de 1896, fixou residência em Feira de Santana. De 1899 a 1902, fez de São Félix e Cachoeira seus pontos de partida de suas viagens evangelísticas. Em 19/11/1901, recebeu os primeiros membros em Palmeiras, cuja igreja seria organizada em 07/09/1902. Ao lado de Finley, organizou a Igreja de Aracaju, em 13/12/1901 (cf. Matos, 2003). Sobre o trabalho desenvolvido por ele na Bahia, verificar também Galvão, 1993.

¹⁰ Segundo Ferreira, em 1937, as duas Missões se uniram. (Ferreira, 1992, v. 2: 372).

¹¹ William Alfred Waddell (1862-1936), era natural de Bethel, estado de Nova Iorque, formado em Engenharia Civil, em 1882, pelo *Union College*, e graduado em Teologia pela Faculdade de Princeton, em 1885. Em 1894, recebeu do *Union College*, o título de Doutor em Filosofia e, em 1910, o grau de Doutor em Divindade, *honoris causa*. Desembarcou em São Paulo, em 19 de setembro de 1890. Além de trabalhar na Missão Central do Brasil, foi um dos fundadores do Ginásio Mackenzie e do *Mackenzie College*. A convite de Horace M. Lane, organizou e instalou a Escola de Engenharia, da qual foi diretor. No período entre 1914 e 1927, foi o presidente do *Mackenzie College*. Foi um dos últimos diretores do jornal presbiteriano *Imprensa Evangélica* (cf. Matos, 2003).

¹² Sobre o assunto, verificar Ferreira, 1992, v. 1: 475.

¹³ Bacharelou-se em 1866, no Colégio de Nova Jersey e formou-se no Seminário Teológico de Princeton, em 1870.

¹⁴ Centro produtor de arroz, açúcar mascavo, rapadura e aguardente, o município de Wagner está localizado na Chapada Diamantina Meridional, distante 384 km de Salvador, e 65 km de Lençóis. O nome da cidade deve-se ao engenheiro alemão chamado Franz Wagner. A partir de sua fazenda, foi surgindo um núcleo residencial que ficou conhecido por Cachoeirinha, às margens do rio Utinga, embrião do futuro município. Pelos serviços prestados à população durante a seca que assolou o Nordeste no final da década de 1880, posteriormente, seus moradores fizeram um requerimento à Câmara Municipal de Morro do Chapéu solicitando a mudança de Cachoeirinha para Wagner, o qual foi atendido, em 8 de abril de 1891. (*Documento 'Projeto Wagner'*, Câmara de Comércio Americana-BA/Governo do Brasil, 1995, Arquivo do IPN).

¹⁵ Posteriormente, o tenente-coronel foi excomungado da igreja católica por ter feito negócio com os presbiterianos. (*Documento 'Projeto Wagner'*, Câmara de Comércio Americana-BA/Governo do Brasil, 1995, Arquivo do IPN).

¹⁶ Há indícios de que, em 1911, foram iniciadas as atividades do curso normal rural, com duração de cinco anos (*Livro de Registro de Pontos/Matricula*, 1911-1925). Naquele mesmo ano, Waddell solicitou ao escritório de Nova Iorque uma professora com experiência em *High-School* (*Minutes of Meetings of the Central Brazil Mission*, 1897-1912. Reunião em 11-13/12/1911).

¹⁷ O resultado do “Relatório de verificação das instalações do Instituto Ponte Nova”, feito pela Comissão de Fiscais da Secretaria de Educação da Bahia, afirmava que “a Escola Normal do Colégio de Ponte Nova, satisfaz os itens I, II e IV do Artigo 2º do Decreto 10.781 de 10 de junho de 1938” (Arquivo do IPN).

¹⁸ Um documento localizado no Arquivo do IPN, provavelmente da década de 1940, trazia a relação dos equipamentos dos laboratórios de física e química. Parte deles ainda se encontra numa sala do colégio, fechados numa estante, sem nenhuma manutenção:

- Física – 1 jogo de quatro tubos de dilatação de Geissler; 1 disco de Newton; 1 aparelho para demonstração da dilatação dos líquidos; como também para sólidos e para gases; 1 balança com capacidade para 2kg; 1 jogo de espelhos com cabo, plano-convexo e plano-côncavo; 1 prisma de vidro; 1 lupa com cabo; 1 voltâmetro sobre pé, com eletródios de platina e tubos graduados; 1 ímã em forma de ferradura; 1 alcohômetro de Gay-Lussac; 1 baroscópio.
- Química – 3 funis de vidro alemão, de 50, 80 e 100mm; 100 tubos de ensaio; 3 provetas graduadas, vidro alemão, de 50, 100 e 250 cc; 2 tripés de ferro 18X10 e 21X12 cm; 3 frascos erlenmeyer de vidro jena, 100, 200 e 300 cc. (Arquivo do IPN).

¹⁹ As ferramentas e o material da carpintaria eram o seguinte: grampos para carpinteiro, escalas métricas, compassos, esquadros, serrotes, serrinhas de recortar, formões, alicates, plainas, martelos e macetes, cha-

ves de fenda, limas, grosas, tesoura comum e para zinco, lixas, pregos e parafusos, madeira, riscador, barro, tinas, vernizes e colas (*Relação do material utilizado nos laboratórios de Química e de Física do IPN*, provavelmente da década de 1940, Arquivo do IPN).

²⁰ Informação conferida também no *Boletim de Informações* do Serviço de Estatística da Educação e Saúde da Bahia, 1933, Arquivo do IPN).

²¹ Até o momento, este estudo localizou os seguintes missionários vinculados à Missão Central do Brasil: Alexander Latimer Blackford, Elizabeth Wiggins Simonton Blackford, Francis Joseph Christopher Schneider, Ella Grace Kinsley Schneider, George Whitehill Chamberlain, Mary Ann Annesley Chamberlain, James Theodore Houston, Nancy Houston, John Byron Cameron, Jessie Luce Cameron, John Benjamin Kolb, Keziah Brevard Gaston Kolb, Woodward Edmund Finley, Lillie B. Martin Finley, William Alfred Waddell, Laura Annesley Chamberlain Waddell, Edgar McDill Pinkerton, Mrs. Pinkerton, Cassius Edwin Bixler, Florence B. Elwell Bixler, Henry John McCall, Margareth Bell Axtell, Pierce Annesley Chamberlain, Julia B. Law Chamberlain, Harold Anderson, Franklin Graham, Philipp Landes, Eells, Reese, Samuel Irvine Graham, Ruth Wyant Graham, Violeta Graham, Peter Baker, Irene Baker, Dr. Walter Welcome Wood, Grace L. Brown Wood, Mabel Oliver Wood, Ella Mary D. Wood, Lídia Hepperle, James Wright, Alma Wright, Anne Belle McPherson, Elsie P. Cory, Clara Emile Hough, Elizabeth Williamson, Anita Harris, Mary Hull Halloc, Anne B. McPherson, Dr. Donald Gordon, Dr. James Fanstone e os “pilotos-evangelistas” George Harold Glass, Rodger Perkins, Bill Elton, Grady, Buyers, Trew, Reasoner e Moore.

Referências Bibliográficas

- Central Brazil Mission. *Minutes of the Meetings of the Central Brazil Mission – 1897-1912; 1904-1938*. Arquivo particular de James Wright. Vitória: ES.
- Ferreira, J. A. (1992). *História da igreja presbiteriana do Brasil*. 2 vols. (2.^a ed.). São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.
- Galvão, S. (1993). *Saudosas memórias – memórias da vida de uma professora evangélica no sertão*. Rio de Janeiro: Editora e Livraria Swedenborg.
- Ginzburg, C. (1989). *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Igreja Presbiteriana da Bahia. *Atas da Igreja Presbiteriana da Bahia – 07 de agosto de 1872 a 1885*. Arquivo da Igreja Presbiteriana da Mangueira. Salvador: Bahia.
- Igreja Presbiteriana da Bahia. *Livro Segundo das Actas da Igreja Presbiteriana da Bahia – 04/10/1885 a 09/01/1900*. Arquivo da Igreja Presbiteriana da Mangueira. Salvador: Bahia.
- Instituto Ponte Nova. *Relação do material utilizado nos laboratórios de Física e de Química do IPN*. Arquivo do IPN. Wagner: Bahia.
- Instituto Ponte Nova. *Livro de Registro de Pontos/Matrícula, 1911-1925*. Arquivo do IPN. Wagner: Bahia.
- Instituto Ponte Nova. *Ginásio do IPN, Relatório de Verificação, 1957*. Arquivo do IPN. Wagner: Bahia.
- Instituto Ponte Nova. *Documentação para o Registro de Certificado de Auxiliar de Enfermagem de Marluce Bráulio de Souza, 26/07/1967*. Arquivo do IPN. Wagner: Bahia.
- Instituto Ponte Nova. *Documento ‘Projeto Wagner’*, Câmara Americana de Comércio-BA/Governo do Brasil, 1995. Arquivo do IPN. Wagner: Bahia.
- Instituto Ponte Nova. *Documento sobre Imposto de Renda de Imóveis Rurais, 31/03/1936, nº 810*. Arquivo do IPN. Wagner: Bahia.
- Instituto Ponte Nova. *Boletim de Informação* do Serviço de Estatística da Educação e Saúde da Bahia. Anos 1933, 1938, 1939. Arquivo do IPN. Wagner: Bahia.
- Instituto Ponte Nova. *Histórico de Wagner, “Cidade de Deus”, 20/08/01*. Arquivo do IPN. Wagner: Bahia.
- Instituto Ponte Nova. *Homenagem do Instituto José Manuel da Conceição*. Arquivo do IPN. Wagner: Bahia.
- McIntire, R. L. (1959). *Portrait of half a century fifty years of presbyterianism in Brazil: 1849-1910*. Dis-

- sertation presented in partial fulfillment of the Requirements for the Degree of Doctor of Theology in the Princeton Theological Seminary: USA.
- Matos, A. S. de (2003). *Os pioneiros presbiterianos no Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos do século 19*. São Paulo: no prelo.
- Nascimento, E. F. V-B. C. do. (2002). Considerações iniciais acerca da palavra impressa e as práticas religiosas e educacionais protestantes no século XIX. *Revista do Mestrado em Educação/NPGED*. São Cristóvão: UFS/NPGED. V. 4, jan/jun, 67-85.
- Presbyterian Board of Foreign Missions in the United States of America (1936). *Grace Memorial Hospital, 1926-1936*. Edição bilíngüe comemorativa ao 20.º ano da chegada do Dr. Wood em Ponte Nova e 10.º ano da fundação do Grace Memorial Hospital. S/Ed.
- Presbyterian Church, U.S. (1966). *Brazilian Witness*. Nº 1.
- Silva, Elizete. (1999). Conflitos no campo religioso baiano: protestantes e católicos no século XIX. *Revista Sitientibus*. Feira de Santana, n.º 21, jul/dez, 51-67.
- Tavares, L. H. D. (2001). *Fontes para o estudo da educação no Brasil – Bahia*. (2.ª ed.). Salvador: Universidade do Estado da Bahia.
- Veríssimo, J. (1985). *A educação nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Vieira, D. G. (1980). *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. (2.ª ed.). Brasília: Editora da UnB.
- Vilas-Bôas, E. F. (2000). *Origens da educação protestante em Sergipe (1884-1913)*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe. Dissertação de Mestrado.
- Vilas-Bôas, E. F. (2001). A influência da pedagogia norte-americana em Sergipe e na Bahia: reflexões iniciais. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas: Editores Autores Associados. Jul/Dez, n.º 2, 9-38.
- Warde, M. J. (2001). *Cultura e educação: o americanismo e a fabricação do homem novo*. Projeto de Pesquisa do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade. São Paulo: PUC.

ENTREVISTAS

- Entrevista concedida por Neemias Alexandre da Silva. Wagner, 05/02/2002.
- Entrevista concedida por Raymundo Passos dos Santos. Wagner, 07/02/02.
- Entrevista concedida por Elias Lima Lessa. Aracaju, 02/01/02.